

A BOLHA



São Paulo, 1 de junho de 2020.

Estou internada em meu apartamento há dois meses e meio. Minha grande expansão pelo espaço é dar uma volta diária de dois quarteirões com meu cachorro, quando procuro as calçadas mais banhadas de sol para senti-lo um pouquinho, meu sol amado que tomo agora sem protetor. Sinto o vento, toco folhas, graminhas, o que posso de natureza, que sempre foi meu alimento. Lojas abertas (ai, meu Deus) contrastam com outras que, me parece, nunca mais abrirão. Minha padaria favorita, tradicional no bairro, onde sabiam meu nome e me sorriam, com aquele olhar de familiaridade e carinho de que eu gostava tanto, é uma delas.

Saudades.

Há três dias, precisei ir ao banco. Na agência em que tive minha primeira conta, no bairro em que vivi minha adolescência toda, até me casar pela primeira vez. No qual residem meus pais e meu irmão com sua família. Na praça onde passava quase todos os dias, a caminho do trabalho. Estava contente em ir visitar essas paragens queridas.

No percurso, o gostinho de estar dirigindo meu carro. Sempre detestei guiar, mas fazia-o diariamente. Pela primeira vez, gostei. De guiar, nem tanto; foi mais de sentir um gostinho do cotidiano que perdi.

Saudades.

É a segunda vez que faço esse caminho, na quarentena. A primeira foi há dois meses, com quinze dias de confinamento. As ruas estão diferentes. Muito mais movimentadas (ai, meu Deus) e noto os enxames de motos de entrega, com aquelas caixas de isopor atrás, nas quais se pode ler: Rappi, Loggi, iFood... É outra rua.

O percurso que faço era meu “caminho da roça” quase diário. Revejo e sinto as ladeiras, igrejas, casinhas mimosas, faço aquela conversãozinha proibida para driblar o trânsito – só para sentir o gostinho, pois não há muito movimento e não estou com pressa. De repente, percebo que estou curtindo a fantasia de estar de volta à vida que tinha. E vem um choque, de consciência da ilusão. Uma dor funda me toma o corpo e a alma. Brota um choro que não consigo conter. Paro o carro e grito “Quero minha vida de volta!”, várias vezes. Dor, dor, dor...

Saudades.

Não consegui ir ao banco. Estava fechado, apesar de eu ter chegado às 13h de uma sexta-feira. O rapaz do estacionamento me avisou que houve um caso de Covid na agência e que devem reabrir só na terça. Nem desci do carro.

Chegando em casa, percebo que ela me protege da percepção de que o mundo fora dela mudou. Que há perdas, vazios, deterioração e perigo. Que meu lar propicia um refúgio na ilusão de que estou em um longo fim de semana desses em que a gente resolve não sair. Ele é como um escudo, uma bolha. Faz as informações e projeções assustadoras, que me inundam diariamente por jornais e redes sociais, tornarem-se realidade virtual, um grande *videogame*.

Sou uma profissional experiente. Quarenta anos de profissão intensos, experimentando, estudando, inventando, registrando... Nesse momento de tempestade de areia, pedem-me direções, caminhos. Vem-me à mente uma frase de para-choques de caminhão: "Não me siga, eu também estou perdida". O que restou e restará do chão que meus pés conheciam tão bem?

Saudades.

Vejo um filme sobre a vida e a morte de Sérgio Vieira de Mello, morto em um atentado de carro-bomba em Bagdá, a serviço da ONU. Presto atenção à coragem dele, que esteve em tantas zonas de conflito. A fibra, a persistência, o esforço de criação permanente de caminhos de sobrevivência e melhoria da vida de povos sofridos. Há um mês, assisti a um filme sobre a saga da tripulação do navio Endurance, expedição polar que deu errado. Todos se salvaram, enfrentando condições terríveis e perigosíssimas, com sofrimentos físicos e psíquicos imensos. Fico com vergonha, sinto-me desprezível, pois minha situação é muito melhor e estou fraca, desanimada, choro a toda hora e deito-me com frequência em minha cama, encolhidinha, querendo minha mãe.

Vai passar, vai passar, vai passar...

A volta às aulas presenciais pós-quarentena da Covid não foi a festa alegre que muitos imaginamos. Lembro ter me deleitado com um texto que dizia esperar que as crianças “fiquem correndo e gritando pelos pátios como os hamsters do capiroto” (Tatiana Lebedeff). Foi bem diferente. Um mar cheio de seres profundamente abalados, que aprenderam lições do longo confinamento: evite contato, brinque sozinho, pense sozinho, faça sozinho. O perigo ronda e pode estourar a qualquer momento como agressão, miséria, doença ou morte.

A história da bolha traz uma situação bastante leve, comparada a dramas vividos pela maioria de nós naquele período. Mas pode trazer-nos à memória (racional, emotiva, corporal) o que, em poucos meses de presencialidade regular nas escolas, tentamos muitas vezes esquecer, na ilusão inconsciente de que “o passado é uma roupa que não nos serve mais”, como cantava Elis Regina. Assim, há um tsunami de diagnósticos (TEA, TDAH, TOD...), que subestima ou desconsidera a hecatombe que nos transformou. Os procedimentos e instrumentos diagnósticos, como anamneses, questionários às escolas sobre alunos encaminhados e baterias de testes neuropsicológicos, dificilmente perguntam sobre as condições enfrentadas nessa travessia que pode ter mortes, desemprego, violência doméstica. E falta de sinal de internet ou de recursos de informática para bom acesso ao que a escola tentou ensinar. Sem essa pesquisa essencial envolta em acolhimento, diagnósticos equivocados proliferam e vendem-se muitos medicamentos psicotrópicos.

“Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio. Nem o rio é o mesmo rio, nem nós somos os mesmos.” (Heráclito de Éfeso). Abracemo-nos.